

Biblioteca escolar e mediação da leitura literária: uma proposta de atividade de leitura com estudantes do ensino fundamental em Paranaíba/MS

School library and mediation of literary reading: a proposal of reading activity with elementary school students in Paranaíba / MS

Gisele Aparecida Ribeiro Sanches¹

José Antonio Souza²

Resumo

A atividade de leitura é um processo social de produção de significados. O ambiente escolar é reconhecido como o espaço dinamizador desta prática e recai sobre ele a responsabilidade na formação de leitores. Aguçar o interesse do educando pela leitura é um desafio para o processo educativo. Esse desafio, se não superado, gera uma limitação nos estudantes em efetivar uma vivência profunda com as diversas significações de mundo propiciada pelo acesso à leitura, acarretando uma lacuna cultural em sua vida. Tal situação torna-se a condição problematizadora deste estudo. O objetivo é mostrar a biblioteca escolar como um espaço de mediação da leitura literária por meio do desenvolvimento de um programa de leitura para estudantes do 9º do Ensino Fundamental II. Analisamos por meio de uma pesquisa-intervenção as contribuições que essas atividades de leitura oferecem para o enriquecimento intelectual e social dos estudantes. Concluímos que os 16 encontros feitos com os estudantes foram muito produtivos, mostrando que um trabalho conjunto entre a biblioteca escolar, bibliotecário e escola pode trazer resultados para a formação do gosto pela leitura que vá além das atividades escolares e sim pensando em um objetivo educacional e humanizador.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Leitura. Formação do gosto pela leitura.

¹ Mestre em Educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Unidade de Paranaíba. Especialista em Gestão de Bibliotecas Universitárias pela Universidade Estadual de Londrina-UEL (2010). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e Chefe da Seção de Biblioteca do Câmpus de Paranaíba da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. *E-mail:* giselersanches@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2008). Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul UFMS/CPTL (2001) e graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1990). Professor efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS - Unidade de Paranaíba. *E-mail:* joseantonioims@msn.com

Abstract

The reading activity is a social process of production of meanings. The school environment is recognized as a space that gives dynamism to this practice and falls on it the responsibility in the formation of readers. Stimulate the interest of the student by reading is a challenge to the educational process. This challenge, if not overcome, creates a limitation on students to put into effect a profound experience with the diverse meanings of the world provided by the reading access, resulting in a cultural gap in your life. This situation becomes the problematic condition of this study. The objective is to show the school library as a space for mediation of reading through the development of a reading program for students of 9th grade of elementary school II. We analyze by means of an intervention research the contributions that these reading activities offer for the intellectual and social enrichment of the students. We conclude that the 16 meetings with the students were very productive, showing that a work among the school library, librarian and school can bring results to the formation of the pleasure for reading that goes beyond school activities and thinking about an educational and humanizer objective.

Keywords: *School library. Reading. Formation of the reading pleasure.*

INTRODUÇÃO

Em nossa estrutura social, o ambiente escolar é reconhecido como apropriado para que a prática de leitura seja aprendida e desenvolvida por ser parte do processo de ensino/aprendizagem. É lugar comum dizer que a leitura está em crise dentro do ambiente escolar e fora dele, e que as atividades de prática de leitura e formação do gosto pela leitura passam por dificuldades no que tange à formação de um leitor crítico e proficiente. Essa tensão, transcendendo o âmbito escolar, pode ser observada entre os leitores em potencial, mesmo diante da ampla produção editorial de livros para o público infantil e juvenil. Esse problema parece estar centrado na mediação desses bens culturais, quando não ocorre a efetiva produção de um espaço de leitura que propicie ao educando acesso ao mundo sensível proporcionado pela leitura.

Para a superação dessa situação-problema, considerar a compreensão de que o desenvolvimento do gosto pela leitura não é

atribuição única do processo educativo efetivado em sala de aula se faz necessário. Para que o gosto e a percepção da importância da leitura sejam alcançados, é necessária uma ação conjunta que englobe escola, família e bibliotecas em um projeto social voltado para o crescimento intelectual de todos os sujeitos.

Nessa ação conjunta, a biblioteca escolar pode oferecer uma relevante contribuição dentro do contexto educacional, uma vez que seus objetivos a configuram como um centro informacional promotor e dinamizador de atividades que contribuem significativamente para a formação do gosto pela leitura. Além disso, dá suporte à pesquisa escolar no oferecimento de serviços como um espaço de criatividade e compartilhamento de informação, gerador de experiências ricas de intercâmbio cultural.

Assim, a questão problematizadora deste estudo é a ausência de biblioteca no ambiente da escola ou seu mau funcionamento. A ausência ou mau funcionamento desse fator educacional prejudica a formação das pessoas acarretando em grandes dificuldades de acessar a informação. Desta forma, temos como objetivo principal mostrar a biblioteca escolar como um espaço de mediação da leitura literária por meio do desenvolvimento de um projeto de leitura para estudantes do Ensino Fundamental.

Como aporte metodológico foi escolhida a pesquisa-intervenção, por entendermos que, para se propor atividades de leitura para estudantes, a escolha dessas atividades deve ser feita de forma não hierarquizada. Assim, fizemos uma intervenção na biblioteca da Escola Municipal Maria Luiza Corrêa Machado, da cidade de Paranaíba/MS, por meio de oito encontros de duração de 50 minutos cada, às sextas-feiras, no período matutino. A escola em questão foi escolhida por indicação da Secretaria Municipal de Educação de Paranaíba devido ao espaço físico comportar um número maior de estudantes.

2 BIBLIOTECA ESCOLAR: PRINCÍPIOS E CONTRIBUIÇÕES

Nos quadros acadêmicos da Educação e da Ciência da Informação, o tema biblioteca escolar é discutido pela via da formação de leitores e análise dos programas de fortalecimento da biblioteca escolar, bem como por leis que exigem a presença da biblioteca dentro do ambiente escolar em um âmbito nacional. Mesmo com tantos esforços e discussões a respeito, ainda temos um quadro de defasagem e ineficiência na atuação das bibliotecas nos estabelecimentos de ensino.

Essa ineficiência pode ser constatada no acervo, nas condições das estruturas físicas e na inadequação dos profissionais alocados na biblioteca. Justamente devido a essa situação, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias³- IFLA, em seu *Manifesto IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar*, estabelece as diretrizes para que a biblioteca passe a funcionar dentro do ambiente escolar e contribua com a formação dos estudantes. Segundo a IFLA, a missão da biblioteca descrita no Manifesto apresenta que:

A biblioteca escolar propicia informação e ideias que são fundamentais para o sucesso de seu funcionamento na sociedade atual, cada vez mais baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis. (MACEDO; OLIVEIRA, 2005, p. 4)

É importante apontar que a missão de uma instituição é mostrar a razão pela qual ela existe, e esse tipo de conceito é elaborado no ramo

³ Fundada em 1927, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (*International Federation of Library Associations and Institutions*), IFLA, foi uma das primeiras organizações não governamentais, sem fins lucrativos, a promover a causa dos bibliotecários. Sua função básica é encorajar, patrocinar e promover a cooperação internacional, o debate e a investigação em todos os campos da atividade bibliotecária, e compartilhar suas descobertas com a comunidade bibliotecária como um todo, para o maior bem da Biblioteconomia. Considera dentro de seu domínio todos os aspectos do trabalho bibliotecário e procura contar com membros em todos os países. A IFLA aspira a falar com autoridade como voz global da profissão bibliotecária. (O que é a IFLA? Disponível em <<http://iflalacro.tripod.com/hp/oqeai fla1.html>>. Acesso em 22 fev. 2016.)

empresarial, direcionado por uma visão gerencial. A colocação do conceito “missão” dentro do Manifesto da Biblioteca Escolar nos permite pensar que o enfoque gerencial e administrativo é o principal ponto a ser valorizado no documento. Não apontamos isso como um problema, mas apenas para demonstrar que a organização administrativa é um dos pontos principais do documento que, em nosso entendimento, é um ponto importantíssimo dentro da estruturação de uma biblioteca. No entanto, por se tratar de uma biblioteca escolar, é importante que as questões administrativas estejam atreladas ao comprometimento e à capacitação nas questões pedagógicas.

Ainda em relação à missão, ressalta que a biblioteca escolar tem o compromisso com o desenvolvimento dos estudantes como cidadãos por meio do oferecimento de serviços de informação e com a mediação da leitura literária. O conceito de imaginação, colocado na missão, abre espaço para a biblioteca atuar na formação de leitores e mediação literária, dividindo a tarefa que, geralmente, é exercida dentro de sala de aula pelo professor de Língua Portuguesa ou Literatura.

Em relação à equipe que desempenhará o trabalho na biblioteca escolar, o documento aborda os deveres do bibliotecário nos aspectos administrativos e no desenvolvimento de práticas educativas, em conjunto com a equipe pedagógica da escola. Além disso, cita algumas tarefas das quais o bibliotecário escolar deve se encarregar, a saber: estudo de usuário; desenvolvimento de serviços de informação; desenvolvimento de coleções; tratamento descritivo e temático da informação; educação e capacitação dos usuários para o uso de informação; serviço de referência e informação; desenvolvimento de programas de leitura; participação no planejamento das atividades do programa escolar; avaliação dos serviços da biblioteca; gerenciamento dos recursos financeiros destinados à biblioteca, por meio de orçamentos e do planejamento estratégico; promoção da atualização e capacitação da equipe de trabalho da biblioteca.

Quanto aos fatores éticos, o documento afirma que a equipe da biblioteca deve tratar os usuários de forma igualitária. Em nosso entendimento, o melhor conceito que poderia ser utilizado para o âmbito do desenvolvimento educacional seria o de equidade, por possibilitar avaliar, de forma imparcial, as necessidades de cada estudante, para que as desigualdades e injustiças sejam superadas, pois, a menção à igualdade dá a entender que todos partem da mesma condição social e chegarão ao mesmo lugar e ao mesmo tempo.

Para prosseguir a discussão da contribuição da biblioteca no espaço escolar, é necessário compreender a leitura como uma forma de emancipação e enfrentamento da adversidade. Petit (2013) considera a biblioteca como um local em que se viabiliza os materiais de leitura, um meio de ligação entre o livro e o leitor. Em seu texto *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, a autora aborda a leitura na construção da subjetividade, na privação de bens materiais e condições de exercer sua cidadania. Esse texto destaca relatos de jovens e suas experiências com a leitura, enfocando pessoas que saíram de seus países de origem e estão morando em cidades da França.

Dentre as questões destacadas pelos jovens em seus relatos, ressaltamos a dificuldade com o círculo familiar, na figura de pais e mães, que tentam manter as tradições de seus países colocando obstáculos para a formação de leitores no que toca da construção da emancipação e subjetividade, sendo a leitura uma ferramenta importante para a construção do sujeito e superação desses obstáculos.

Em *Os jovens e a leitura* (2009), por sua vez, a autora destaca a contribuição da leitura na abertura de um círculo fechado de relações que cercam os jovens, a saída do isolamento social, a troca de experiência e conhecimentos promovidos pela leitura. Outro ponto importante nessa obra é a presença da biblioteca e de bibliotecários nos relatos dos jovens entrevistados. Um dos fatores que mais agradou aos jovens foi a atenção personalizada dos bibliotecários no incentivo à leitura, por demonstrarem interesse pela sua história e condição,

interesse que não encontravam na família ou na escola. Esse sentimento de satisfação demonstra que a biblioteca pode ser um espaço de encontro e acolhimento de angústias e dificuldades, ou seja, um encontro consigo mesmo, para a superação da adversidade imposta por sua condição social e econômica.

Tais considerações feitas por Petit se aproximam da realidade educacional brasileira, quando percebemos que a informação e o conhecimento constituem fontes de relações de poder e que a grande maioria da população está à margem, principalmente no contexto de nosso estudo. A população estudada não tem acesso à biblioteca pública por estar fechada e inoperante na cidade, e a biblioteca da escola tem a potencialidade de oferecer uma ferramenta na constituição do sujeito cidadão.

3 PROJETO BRINCAR DE LER: ATIVIDADES DE LEITURA COM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II EM PARANAÍBA/MS

A proposta de aplicar um projeto de leitura em uma escola da Rede Municipal da cidade de Paranaíba/MS surgiu a partir do trabalho em uma Biblioteca Universitária. De forma empírica, foi constatada a dificuldade dos estudantes universitários em ter acesso, de forma satisfatória, às necessárias leituras exigidas nos cursos de graduação. Esse fato levantou a questão de como esses estudantes se relacionaram com a leitura ao longo de sua trajetória escolar. Percebemos que a leitura não fazia parte de suas vidas e se restringia ao que era indicado pelo professor em sala de aula.

Outra questão que motivou o Projeto de leitura foi a constatação, por meio de informações cedidas pela Secretaria Municipal de Educação, de maneira informal, que não há bibliotecários atuando nas bibliotecas escolares da rede, o que nos despertou o interesse em

entender se a atuação de um bibliotecário dentro do contexto escolar poderia ser benéfica para a formação do gosto pela leitura.

A escolha pela pesquisa-intervenção partiu do princípio de que, para se propor atividades de leitura para um grupo de estudantes, essas atividades devem ser formuladas de forma não hierarquizada. Isso significa que algo construído pelo grupo tem mais chance de perdurar e contribuir com a construção intelectual e social dos estudantes em questão.

A esse respeito, Castro e Besset (2008, p. 9) confirmam que o método escolhido contribui para a formação dos estudantes por possuir a característica da reorganização das atividades no decorrer do processo, sem perder a linearidade teórica escolhida para o desenvolvimento do projeto. As autoras enfatizam:

Verificamos que a pesquisa-intervenção, como método, articulava o modo de construir o próprio problema e a questão de pesquisa a serem investigados, de modo que o entrelaçamento entre o que estava sendo e o modo de investigar se colocasse como aspecto marcante, sinalizando momentos analiticamente distintos, porém inseparáveis no ato da pesquisa.

A proposta foi desenvolver atividades de leitura construídas a partir do acervo da biblioteca da escola, bem como materiais bibliográficos sugeridos pela equipe executora e pelos estudantes. As atividades foram realizadas durante 8 encontros de 50 minutos com cada turma, às sextas-feiras, no período matutino, com livros de Literatura ou Literatura Infantil nacionais ou internacionais. O grupo estudado na pesquisa foi de estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental II (9º A e 9º B), da Educação do Campo. Essa escolha foi feita pela disponibilidade e pelo interesse da docente de Língua Portuguesa em participar do projeto. Os encontros contaram com uma média de 17 estudantes por sala, com idade média entre 14 e 25 anos.

A Escola Municipal “Professora Maria Luiza Corrêa Machado” localiza-se na cidade de Paranaíba/MS, no Estado de Mato Grosso do

Sul. Oferece Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II e tem 509 estudantes matriculados.

Os usuários frequentam a biblioteca de acordo com um cronograma semanal feito pelos docentes, em conjunto com a funcionária da biblioteca, uma professora readaptada que acompanha os estudantes na busca por materiais bibliográficos. Não há estatísticas de utilização da biblioteca. A informação que obtivemos é que um agendamento é feito com professores do Ensino Fundamental I (1º ao 5º Ano) e, para os estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), não há agendamento para visitas à biblioteca, o que significa que o grupo estudado não frequenta a biblioteca da escola.

O acervo é formado por doações e pelo acervo disponibilizado pelo Projeto Nacional Biblioteca da Escola. Não há nenhum tipo de tratamento temático ou descritivo das obras (catalogação e classificação), bem como nenhum tipo de tombamento ou carimbo que indique que o livro pertence à biblioteca da escola.

3.1 Relato dos encontros de leitura na biblioteca escolar

O primeiro encontro com o 9º A e 9º B foi a apresentação do projeto e da equipe executora aos estudantes. Como atividade inicial, foi feita uma dinâmica de apresentação na intenção de interação entre todos. De modo geral, os estudantes foram receptivos e participaram sem muita dificuldade, acreditamos que levados pela curiosidade.

Como atividade, os estudantes tinham que fazer um desenho em resposta à pergunta: Como seria a sua biblioteca? A intenção dessa pergunta foi extrair o conceito de biblioteca que os estudantes tinham. A proposta obteve êxito por conseguir constatar que todos os estudantes entendem o conceito de biblioteca.

Os estudantes se dividiram em grupos e cada grupo fez um desenho representando sua biblioteca. Houve interpretações diversas, mas todos tinham componentes relacionados às bibliotecas

convencionais, acrescidos do componente tecnologia e natureza. É importante frisar que árvores, plantas, cachoeiras, flores, são próprios da vivência deles, pois trata-se de estudantes da educação do campo que moram na zona rural e vêm para cidade para frequentar a escola. Também notamos alterações em relação ao conceito tradicional de biblioteca em dois grupos, com a proposta da biblioteca ao ar livre e a “biblioteca dos folgados”, com almofadas.

Destacamos, em um dos desenhos, a menção ao livro *O Tosco de Gilberto Dari Mattje*, trabalhado pelos professores em aulas de literatura em toda a rede de ensino Municipal e Estadual do Mato Grosso do Sul. O livro foi representado aberto em um dos desenhos. Entendemos ser importante essa referência por ser a única leitura de uma obra, dita literária, feita por completo.

Há que se destacar a fala de uma das estudantes: "*Biblioteca tem que ser um lugar que você sonha!*". Essa fala, considerando a biblioteca como um lugar de sonho, reforça a ideia de Petit (2009) de que o livro e a leitura são promotores de sonhos. Neste trecho, em que relata suas experiências com jovens franceses e a leitura, a autora declara:

Para os jovens, [...] o livro desbanca o audiovisual na medida em que permite sonhar, elaborar um mundo próprio, dar forma à experiência. É um aspecto sobre o qual muitos insistem, principalmente nos meios socialmente desfavorecidos onde, frequentemente, se deseja que os jovens fiquem restritos às leituras mais ‘úteis’ (PETIT, 2009, p. 20, grifos da autora).

A fala da estudante e a citação da autora mostram que, mesmo em espaços nos quais a biblioteca não possui um funcionamento adequado, há a potencialidade e a vontade de que isso ocorra, pois, quando uma estudante que não frequenta a biblioteca disse que esse espaço é um lugar de sonho, ela expressou, na sua compreensão de biblioteca, a falta que esse espaço faz. A mesma estudante questionou se o desenho feito como atividade se tornaria realidade. Segue a pergunta: "*Se a gente desenhar a biblioteca da escola, vai ter?*". Ao que nos parece, há um desejo sendo posto, compartilhado.

Podemos afirmar que os estudantes foram receptivos e participativos com a proposta do projeto. Em relação à atividade proposta, percebemos que os estudantes sabem como é a estrutura física de uma biblioteca. No entanto, não mencionam serviços oferecidos.

Para o segundo encontro com 9ºA e 9º B, a atividade foi a leitura de um poema de Alberto Caieiro (1980, p. 108-109). Fizemos esclarecimentos a respeito do autor, Fernando Pessoa, e seus heterônimos. A poesia foi escolhida por ser um gênero literário com o qual os estudantes não possuíam contato. Na folha, havia também um segundo poema do mesmo autor. Após a leitura do primeiro, uma estudante pediu para que fizéssemos a leitura desse poema também. Enquanto ocorria a discussão, outra estudante declarou que, após a leitura do segundo poema, o primeiro texto se tornou mais compreensível.

Ficou claro o descontentamento dos estudantes pela escolha de um texto poético. Eles escutaram atentos, mas sem entender o significado do poema. Percebemos, dessa forma, a dificuldade enfrentada com leituras diferentes daquelas apresentadas pela escola, causando desconforto e rejeição.

Outro ponto interessante, nesse encontro, foi o fato de uma estudante sugerir a continuação da leitura de outro poema de Alberto Caieiro, que proporcionou base para compreensão do anterior. A esse respeito, Petit (2009, p. 29) considerou: "Mas ele [o leitor] é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo". Ao se deixar transpassar pelo texto, a estudante percebeu que é possível uma compreensão de algo até então desconhecido, e esse processo feito em grupo auxilia os demais estudantes a compreenderem também.

A autora afirma ainda que "[...] a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social."

(PETIT, 2009, p. 61). É com base nessa compreensão de que a leitura pode modificar os contornos de uma trajetória de vida, influenciados pelas condições socioeconômicas e culturais, que a biblioteca escolar pode atuar de forma a alargar esses contornos, bem como os horizontes e as expectativas.

Essa ideia pôde ser confirmada pelos debates ocorridos durante os encontros. O comentário de uma estudante na discussão do texto – *"ela disse que a gente podia falar o que quisesse"* – nos mostra que, já no segundo encontro, alguns se sentiram à vontade para falar a respeito de suas inquietações. Dessa maneira, a biblioteca da escola, que não era frequentada por eles, passou a ser um espaço em que o texto literário foi o facilitador do discurso dos estudantes e, por um instante, se tornou um local de fala, de compartilhamento das dores e alegrias dos estudantes, e um local de acolhimento.

Como forma de confirmar nossa assertiva, destacamos as perguntas de uma estudante ao longo da discussão: *"tia, a planta fala?"*; *"os animais conversam entre si?"*. Percebemos a ausência de conhecimento científico a respeito das plantas e animais. Isso mostrou a confiança da estudante em fazer a pergunta para a equipe executora, mesmo expondo-se perante os colegas e, assim, foi possível reafirmar que a biblioteca tem potencial para ser um local onde se pode falar e também ouvir.

Entendemos que a poesia serviu como provocador de dúvidas e de inquietações, mostrando que a biblioteca pode ser um espaço dentro do ambiente escolar propositor de conversas e reflexões a partir de um texto literário totalmente desconhecido para os estudantes.

No terceiro encontro com as turmas, levamos leituras que já havíamos feito. Uma estudante levou um livro do irmão. Os livros levados por eles foram: *O alienista*, de Machado de Assis; *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare; o *ebook* (livro eletrônico) *A cidade de papel*, de John Green. A pesquisadora levou, para compartilhar, o livro

A grande fábrica de palavras. Os estudantes escolheram para ler o livro selecionado pela pesquisadora.

Nesse encontro, ficou evidente que os estudantes têm dificuldade de concentração em atividades de leitura. Notamos que o livro *O Tosco* não foi trazido como uma leitura já feita, tampouco foi mencionado. Outro aspecto relevante foi a dificuldade dos estudantes em aceitar algo que venha dos colegas, demonstrada ao preferir a leitura do livro escolhido pela pesquisadora, e não o dos colegas. Eles argumentaram, referindo-se a *Romeu e Julieta*, que as escolhas das histórias são sempre repetitivas.

Foi interessante notar que a maioria dos estudantes retirou livros da biblioteca para o encontro seguinte. Percebemos que foi a primeira vez que eles retiravam algum livro da biblioteca da escola.

No quarto encontro com o 9º A e 9º B, os estudantes falaram, um a um, sobre os livros selecionados no encontro anterior. Uma estudante relatou que achou a leitura complicada e que não conseguiu entender. Ela expressou o desejo de entender o conteúdo do livro retirado por ela na biblioteca, *Cultura*, de Arnaldo Antunes. E, assim, foi feita a leitura desse livro para que todos pudessem entender.

Constatou-se que retirar/tomar emprestado um livro da biblioteca da escola, ato que esses estudantes nunca tinham feito antes, proporcionou o envolvimento deles na compreensão de novos conceitos, bem como a interação entre eles. De acordo com Castrillón (2011, p. 22), as bibliotecas são "[...] os meios para a democratização do acesso, desde que nelas se produzam, também importantes transformações.". Podemos afirmar que isso aconteceu nesse encontro na biblioteca da escola, pois a discussão entre os estudantes foi muito proveitosa e agradável, assegurando a ampliação de seus conhecimentos.

Como afirma Petit (2009, p. 61), "[...] a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais e, sendo assim, pode modificar as linhas de nosso destino escolar, profissional e social". Na esteira de Petit, é importante destacar um fato ocorrido nesse encontro.

Um estudante que, de acordo com o relato da professora, possui deficiência intelectual, quis compartilhar o livro que leu por meio de um resumo escrito por ele. Todos escutaram o estudante ler o resumo em voz alta.

Essa leitura foi o fato mais marcante desse encontro. Desde o início do projeto, esse estudante se recusou a falar em voz alta. Nesse encontro, ele se sentiu à vontade e falou para todos. A monitora que o acompanha expressou sua felicidade com o acontecido, pois, como ele nunca lê, esse momento revela um obstáculo ultrapassado. A esse respeito, Petit (2009, p. 36-37) assegura que "[...] mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas”.

De alguma forma, esse estudante se encontrou na relação dialógica entre ele e o autor, alguém que lhe permitiu ter voz, de ser algo que ninguém acreditava que poderia ser. Petit (2009, p.56) completa: "[...] os livros oferecem a eles, e mais ainda a elas [jovens], quando tudo parece estar fechado: suas feridas e suas esperanças secretas, outros souberam dizê-las, com palavras que os libertam, que revelam algo que eles ou elas, ainda não sabiam que eram.”.

Não estamos afirmando, ao destacar esse episódio, que a leitura é uma espécie de salvação para os problemas de ordem escolar e individual, mas sim apontando a importância da biblioteca escolar na mediação da leitura e o acesso a textos literários, que contribuem para a ampliação dos horizontes de expectativas dos estudantes.

Outro destaque nesse encontro foi o relato de um estudante sobre a discussão das atividades com a família. Ele contou que, ao levar o livro para casa, teve uma conversa com a mãe enquanto fazia um resumo da leitura de dois livros. A importância do empréstimo desses livros permitiu o envolvimento familiar. Embora o estudante não tenha relatado se havia conversado com sua mãe a respeito de leitura outras vezes, percebemos que não era algo comum para eles.

No quinto encontro com o 9º A e 9º B, a atividade consistia em contar um conto clássico sob a perspectiva de um outro personagem que não o principal, um exemplo é que é a personagem principal em João e Maria é o passarinho que come as migalhas deixadas para marcar o caminho. Senso assim, a atividade era de acertar qual conto clássico estava sendo contado. O livro utilizado foi *Que história é essa?* de Flávio de Souza. Ao final da atividade, o grupo que acertasse mais histórias ganharia um brinde. Os estudantes se dividiram em dois grupos, masculino e feminino. Devido à dinâmica da disputa, eles estavam prestando atenção à leitura, enquanto confabulavam entre eles para tentar adivinhar as histórias. Nas duas séries, os meninos ganharam a disputa.

Nesse encontro, a atividade de brincar com as histórias clássicas contadas de outra forma ocasionou uma distração para os estudantes. Percebemos que todos participaram e se divertiram com a proposta. Podemos afirmar, portanto, que o objetivo de proporcionar um momento de descontração ao grupo foi alcançado. Julgamos essa descontração importante pelo fato de que, na escola, não há espaço para o lúdico, pois como a faixa etária dos estudantes dessa série é de 14 a 25 anos, não há espaços para brincadeiras.

Ao se referir à maneira que a leitura literária é desenvolvida na escola pelos professores e demais profissionais, Bortolin (2006, p. 69) pondera que "[...] não aprenderam a desvincular a leitura literária das cobranças curriculares, as avaliações e das estruturas cerceadoras do ambiente escolar". Ao desvincular a leitura literária na escola do conteúdo, abre-se espaço para outras formas de ler e se relacionar com a leitura. Acreditamos que a formação do gosto pela leitura se inicia pelo contato mais próximo com o texto literário e por meio de uma atividade mais descontraída.

Nesse encontro, todos participaram e se divertiram com a proposta. Os estudantes se mostraram envolvidos e interessados na atividade. Perrotti (1986) afirmou que presença do lúdico na literatura

infantil é como um elemento desafiador e instigante que serve como incentivo para que o leitor participe do jogo do livro. Avaliamos que um momento de descontração dentro do ambiente da biblioteca da escola pôde trazer mais proximidade entre os estudantes e, conseqüentemente, a proximidade do livro e da leitura.

Quanto à ideia de biblioteca como um espaço de descontração, além de um espaço de leitura e pesquisa, Petit (2009, p. 179), ao tratar do papel que o mediador de leitura pode exercer dentro do ambiente da biblioteca, com o propósito de acolher e formar leitores, afirmou que: “O imaginário não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, se desenvolve, se enriquece, se trabalha, ao longo dos encontros. Quando se viveu sempre no mesmo universo de horizontes estreitos, é difícil imaginar que exista outra coisa”.

No sexto encontro com as duas turmas, foi feita a contação de história dos livros *As coisas que a gente fala*, de Ruth Rocha, e *Fábulas de Esopo*: A cigarra e a formiga, A raposa e as uvas, O galo e a pérola, O galo e a raposa, O ladrão e o cão de guarda, O burro e o leão, O rato da cidade e o rato do campo. Essa última fábula, em especial, suscitou uma identificação dos estudantes, que passaram a relatar as vantagens e desvantagens de se morar na cidade e no campo. Eles começaram a disputar qual situação era a melhor. Uma estudante comentou: “*na fazenda não falta emprego e alimento*”; outra disse: “*na cidade é bom porque na fazenda não tem quase nada pra fazer, não tem exposição* (se referindo à festa anual da cidade), *mas nós não paga água*”.

Iniciou-se uma discussão sobre os momentos em que a fazenda ou a cidade são mais importantes. Falaram do ar poluído, alimentação, sujeira, ar livre, ambientes, comportamentos, vantagens e desvantagens da cidade e do campo, principalmente da emergência médica quando se mora no campo.

A leitura da fábula possibilitou um momento de parada e de reflexão por parte dos estudantes quanto às especificidades da vida na cidade e no campo. Pelo fato de morarem no campo e estudarem na

cidade, eles conhecem as duas realidades e, muitas vezes, não têm a oportunidade de refletir a respeito, principalmente sobre a supervalorização da cidade em relação ao campo, feita por questões ideológicas.

As fábulas apresentam, em sua maioria, um teor moralizante. A respeito de temas utilitários na literatura infantil, Perrotti (1986, p. 79) enfatizou: "A maioria dos livros de ficção destinados à criança tem a intenção de passar modelos de toda espécie a seus pequenos leitores, como se nossa situação atual, nossos modelos, fossem exemplares e devessem ser reproduzidos tais como estão".

A leitura das fábulas possibilitou discussões em que os estudantes se comportaram como leitores ativos no processo de leitura, discordando, concordando e atribuindo o seu significado ao texto, a partir de sua concepção de mundo e das experiências que nele viveu. A esse respeito, Freire (1986, p. 22, grifos do autor) considerou que: "De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas, de certa forma, de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente".

Para o sétimo encontro, a pesquisadora propôs uma atividade com textos de cordel. Os estudantes imediatamente discordaram dizendo que não tinham interesse, pois já fizeram um trabalho escolar com cordel e não gostaram. Um deles disse: "*a gente quer saber o que tem a ver folclore com Monteiro Lobato?*". Ele explicou que fariam uma dança para o dia do folclore, vestidos como personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Deste modo, foi utilizado nesse encontro um livro que não é uma obra de literatura infantil como suporte de informações. Apresentamos aos estudantes a biografia de Monteiro Lobato, criador do Sítio, e abordamos também a relação entre esse autor e o folclore.

Após essas explicações preliminares, os estudantes começaram a falar das lendas do Estado de Mato Grosso do Sul e dos demais estados brasileiros. Uma estudante relatou a lenda da mãe do Ouro. Ela

explicou: "é uma luz que aparece de noite no céu e cai, e onde ela cai tem ouro." Comentou, também, que conheceu pessoas que viram a luz, mas que não encontraram o ouro. Quase todos os estudantes participaram ativamente da conversa, dando espaço para a história oral, pois eles relataram histórias, lendas, superstições que conheciam. Todos falavam ao mesmo tempo.

Julgamos de muita importância a iniciativa dos estudantes de relatarem o desconforto provocado pela atividade com a literatura de cordel. Contudo, esse desconforto abriu espaço de fala para estudantes, bem como o nascimento de uma nova proposta. A proposta sugerida por eles, com o objetivo de entender a relação entre Monteiro Lobato, literatura infantil e folclore, proporcionou-lhes a oportunidade de ouvir e falar a respeito de questões da cultura popular na qual eles estão inseridos.

Ao tratar da oralidade e da mediação pedagógica da leitura na escola, Silva, R. (2015, p. 90) afirma que:

Todas as evoluções e conquistas humanas, predominantemente, valeram-se inicialmente da palavra oral e, posteriormente, também da escrita. No princípio, basicamente, armazenada na memória coletiva, individual e repassada de geração em geração, de família em família, as narrativas eram históricas, científicas, informacionais e literárias. Por séculos, as histórias sobreviveram na biblioteca coletiva oral da humanidade até que fossem transportadas para a escrita.

No ambiente escolar, o estudante é aquele que sempre recebe informações e, muitas vezes, não tem espaço para compartilhar suas vivências. Trazer para dentro desse espaço, no qual a escrita é supervalorizada, as possibilidades de compartilhamento da tradição oral fizeram com que os estudantes se sentissem mais integrados e entendessem que tinham algo para contribuir, para expor. Conforme Freire (1986, p. 11), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele".

O ato de trazer um pouco das histórias que são contadas e recontadas por muitas gerações de suas famílias proporcionou o compartilhamento de experiências culturais de muita importância para os estudantes que são moradores do campo. Isso nos permitiu conhecer um pouco da leitura de mundo que esses estudantes possuem.

Podemos afirmar, entretanto, que o objetivo da proposta não se concretizou, porque os estudantes estavam interessados em aprender a respeito do folclore, motivados por uma tarefa escolar que lhes fora dada, ao que nos parece, sem o devido tratamento do tema. Dessa forma, um encontro de leitura literária se transformou em um encontro em que a biblioteca escolar se transformou em um espaço de busca de informação.

Recorreremos novamente às considerações de Pieruccini (2004, p. 33, grifo da autora), ao tratar da busca de informação no ambiente educacional:

A análise da literatura sobre os Projetos que tratam da *educação para a informação* enfatiza, de um lado, a necessidade do aprendizado ativo e autônomo, com ênfase sobre o pensamento crítico, o aprender a aprender e o aprendizado permanente e, de outro, a importância do processo de pesquisa/busca/investigação, cruzando orientações de cunho prático, sobre procedimentos e técnicas de trabalho pedagógico com a informação. Tais estudos consideram que se trata de um processo, a ser ensinado no contexto geral de todo processo educativo, devendo a formação das competências ser integrada ao currículo, porém reforçada dentro e fora da formação escolar/educacional.

Ao analisar os apontamentos da autora, podemos deduzir que os estudantes participantes do Projeto de leitura não possuem um aprendizado escolar ativo que privilegia o pensamento crítico, o processo de pesquisa e investigação, e não sendo tratado como um processo a ser aprendido. Podemos afirmar que os estudantes são meros receptáculos de informação – para não dizer ordens –, não são considerados partes atuantes no processo, capazes de refletir a respeito das demandas que são colocadas para eles. Trata-se de um quadro

triste no qual o sistema educacional oferece pouco e os estudantes absorvem menos ainda.

Contudo, o que podemos afirmar é que os estudantes saíram um pouco mais instruídos a respeito do tema folclore e suas abordagens culturais. Nesse caso, a pesquisadora, que atuou como bibliotecária mediadora da informação da instituição escolar e contribuiu com a formação de conhecimento desses estudantes.

No oitavo e último encontro com o 9º A e o 9º B, ouvimos as avaliações e considerações dos estudantes. Eles responderam por escrito à pergunta: o que você gostou e o que você não gostou no projeto de leitura? Todos expuseram suas opiniões a respeito da participação no projeto. Opiniões parciais porque, de acordo com as falas, só houve elogios e nenhuma crítica mais severa foi feita e, como sabemos, não é possível acreditar que não houve nenhum desagrado.

Um ponto a ser destacado é o aumento da autoestima e confiança em suas potencialidades, que pôde ser percebido quando um estudante disse: *"e agora sei que nada é impossível"*. O projeto ofereceu condições para que os jovens entrassem em contato com o espaço íntimo, por meio de uma atividade em um espaço público, como sugere Petit (2013).

A proposta do projeto proporcionou o desenvolvimento da imaginação e da comunicação entre os estudantes. A esse respeito, Petit (2009, p. 139) acrescentou que: *"É por meio de intersubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, e o ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades sublimação."*

Para complementar, recorreremos às palavras de Castrillón (2011, p. 9):

[...] Ler é somar-se ao outro, é confrontar-se com as experiências que o outro nos certifica. Por ser assim, a leitura – pelo que existe de individual e ao mesmo tempo de social – nos remete ao encontro das diferenças enquanto nos abre em liberdade para vivê-las em plenitude.

Os estudantes relataram que gostaram do tempo que passaram na biblioteca porque foi um tipo de aula diferente. Ao que nos parece, as

aulas são sempre expositivas e dentro da sala de aula, com exceção das aulas de Educação Física que são feitas na quadra. Eles relataram a empatia com a equipe executora ao fazerem elogios à forma como foram tratados pela pesquisadora e sua assistente. Gostaram também dos bombons que fizeram parte de duas dinâmicas de apresentação e da disputa dos contos clássicos.

De acordo com os estudantes, o projeto contribuiu para o incentivo à leitura e à formação do gosto. Nesse sentido, destacamos as considerações de Castrillón (2011, p. 38), a respeito do papel da biblioteca:

[...] precisamos de bibliotecas que fomentem o interesse e o gosto pela leitura, que permitam a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como referência de si mesmo no mundo e para o reconhecimento do outro. Bibliotecas onde a leitura não seja concebida como uma forma de passar o tempo, de se divertir, mas como elo imprescindível para um projeto de vida que pretenda superar uma sobrevivência cotidiana.

Relataram também que as brincadeiras feitas durante o projeto ajudaram a descontrair, aprender a escutar e conhecer os colegas de sala, do mesmo modo que fizeram perceber que não é preciso ter vergonha de falar em frente aos colegas. Além disso, com a participação no projeto, os alunos conseguiram ver o lado bom da leitura, o que significa que a leitura não escolarizada foi encarada de forma prazerosa por eles.

Outro ponto ressaltado nas avaliações dos estudantes foi a atividade relacionada ao Folclore. Essa atividade configurou a biblioteca como um espaço de aprendizado e eles relataram que "*aprenderam coisas novas*", referindo-se a novos conhecimentos no campo literário, bem como uma atividade que trouxe a história oral tão importante para a Literatura Infantil e Juvenil. Segundo Petit (2009, p.190), "a leitura de mitos e contos é amplamente praticada com crianças, adolescentes e adultos. Tomados de empréstimo ao patrimônio próprio de cada lugar, eles permitem um veículo com a tradição oral, com as histórias ouvidas na infância".

Houve dois comentários de descontentamento com os poucos encontros e a bagunça e o desinteresse de alguns estudantes. O desinteresse por parte de alguns estudantes nos pareceu algo aceitável, pois foi uma atividade que teve como ponto central a leitura e discussão de textos literários, o que nem sempre faz parte do cotidiano deles.

Convém destacar que o projeto foi a causa geradora de trocas simbólicas e afetivas Petit (2009) entre a equipe executora e o grupo estudado, promovendo um encontro consigo mesmo e com o outro, por meio do texto literário. Ficou claro que a literatura é uma necessidade fundamental e substancial do ser humano para a "[...] percepção da complexidade do mundo e dos seres" (CANDIDO, 2004, p. 180). De acordo com Freire (2002), a educação é um ato coletivo feito por sujeitos engajados em sua realidade para serem capazes de criticar, compreender e transformar a si e ao mundo que os cercam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos referenciais teóricos citados neste estudo, entendemos que o acesso à leitura é um elemento importante no processo de formação humana, bem como a literatura é um direito que não deve ser negado, por proporcionar a experiência estética ao ampliar as possibilidades de experiências humanizadoras. Com base nas observações feitas e nos relatos dos estudantes, podemos assegurar que as atividades de leitura encadeadas por um Projeto de leitura oferecem enriquecimento intelectual e social aos estudantes.

Afirmamos que a ausência de uma biblioteca escolar que ofereça suporte às atividades desenvolvidas pelos docentes, no âmbito da pesquisa escolar e da formação de leitores, acarreta um distanciamento entre os estudantes e os bens culturais. Notamos que esse distanciamento é causado pela dificuldade de acesso dos estudantes aos livros e, quando a mediação da leitura é feita, é direcionada pelas leituras prévias do professor, baseada no seu repertório literário, suas

preferências, restringindo o acesso e o compartilhamento amplo de informação e leitura dos estudantes.

Podemos afirmar que a escolha pela pesquisa-intervenção mostrou-se eficiente para perceber que houve contribuições intelectuais e sociais da leitura para os estudantes, por se tratar de um procedimento metodológico que visa investigar os acontecimentos coletivos, considerando suas peculiaridades e diversidade qualitativa. Desta forma, esse tipo de pesquisa oportunizou espaços de fala para os estudantes, constituindo um canal de subjetivação desses estudantes no ambiente escolar, o que parece não ser oportunizado pelo cotidiano da escola, devido à quantidade de conteúdo a ser passado e o tempo disponível para a execução de todo o conteúdo programático escolar.

Com esse tipo de aparato metodológico, os estudantes não se sentiram intimidados ou pressionados a responder “o certo”, ou seja, as leituras autorizadas, mas vislumbraram uma abertura para que pudessem expressar suas ideias e seus sentimentos, sem censuras. Houve uma relação de confiança mútua entre os estudantes e a equipe executora, o que ocasionou encontros ricos em discussões, trocas de experiências e saberes.

De acordo com as análises das atividades, a biblioteca da escola Maria Luiza Correa Machado exerce um grande potencial para o desenvolvimento de serviços de informação, como empréstimos domiciliares, divulgação de novas aquisições, pesquisa escolar. O grande entrave, porém, está na ausência de profissionais com qualificação adequada para o desempenho de atividade laboral na biblioteca.

Uma ressalva importante a fazer, que pudemos constatar com este estudo, é que a afirmação que costumeiramente habita o senso comum, a de que os jovens não gostam de ler, é um engano. Em nosso caso, os estudantes não faziam outras leituras além daquelas exigidas pela escola, não por não gostarem de ler, mas porque não tinham a possibilidade de acesso e mediação da leitura. A afirmação que jovens

não gostam de ler não passa, portanto, de uma ideologia construída para fins de segregação social na qual os estudantes provenientes de classes menos favorecidas devem se contentar com o que lhes é oferecido, haja vista as recorrentes citações de *O Tosco*. Esse livro tenta aproximar a história de um garoto de pobre, ao mostrar a canalização de sua energia para a contenção social, e não para sua expansão como um sujeito consciente de sua situação de marginalização, com a intenção de transpor os limites impostos pelas suas condições sociais e econômicas.

Concluimos que todos os 16 encontros feitos com os estudantes do 9º A e 9º B foram muito produtivos, quando consideramos o desenvolvimento das atividades e a participação dos estudantes. Para nós, o estudo conseguiu mostrar que um trabalho conjunto entre a biblioteca escolar, bibliotecário e escola pode trazer resultados satisfatórios na formação do gosto pela leitura que vá além das atividades escolares, pois, no projeto, a leitura foi feita sem uma finalidade escolar e pensando em um objetivo educacional e humanizador.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo. *Cultura*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- BORTOLIN, Sueli. A leitura e o prazer de estar na biblioteca escolar. In: SILVA, Rovilson José da; BORTOLIN, Sueli. *Fazeres cotidianos na biblioteca escolar*. São Paulo: Polis, 2006. (Coleção Palavra-chave, v.17).
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do gato, 2011.
- CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes. (Org.) *Pesquisa-intervenção na infância e na juventude*. Rio de Janeiro: NAU, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 15. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Polêmicas do nosso tempo, 4).

- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES BIBLIOTECÁRIAS. *O que é a IFLA?* Disponível em: <<http://iflalacro.tripod.com/hp/oqeaifla1.htm>>. Acesso em 22/02/2016.
- LESTRADE, Agnes. Docampo, Valéria. *A grande fabrica de palavras*. Belo Horizonte, Aletria, 2010.
- MACEDO, Neusa Dias de; Oliveira, Helena Gomes de. (Trad.) *DIRETRIZES DA IFLA / UNESCO PARA A BIBLIOTECA ESCOLAR*. São Paulo, 2010. Disponível em < http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 12 de out. de 2015.
- PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Ficções de interlúdio, 1: poemas completos de Alberto Caieiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- PIAI, Arlette; PACCINI, Maria Júlia. *Viajando pelo folclore de Norte a Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- PIERUCCINI, I. *A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação*. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: USP, 2004. 194f.
- ROCHA, Ruth. *As coisas que a gente fala*. São Paulo: Moderna, 2012.
- _____. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Moderna, 2010.
- SILVA, Rovilson José da. Oralidade e mediação pedagógica de leitura na escola. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson. *Mediação oral da informação e da leitura*. Londrina: ABECIN, 2015.
- SOUZA, Flávio de. *Que história é essa? Novas histórias e adivinhações com personagens de contos antigos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.